

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada (Parte II)
4 de março de 2024

NADIE DIJO NADA / 1971

um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / **Argumento:** Raúl Ruiz, numa adaptação livre do conto *Enoch Soames* de Max Beerbohm / **Interpretação:** Carlos Solanos (Waldo Martínez), Jaime Vadell (Germán), Luis Vilches (Tomás), Luis Alarcón (Poeta/Braulio), Nelson Villagra (O Diabo/ Tony Ventura), Shenda Román (Postisa), Pedro Gaete (Deus), Humberto Miranda (Suicida), Carla Cristi (Mãe abandonada), Carmen Lara (Esposa abandonada), Rodrigo Maturana (Santiagoño), Aquiles Varas (Santiagoño), Caferino Reyes (Santiagoño), Mario Catalán y los Centrinós (Santiagoño), Waldo Rojas (Santiagoño), Gabriel Pena (Santiagoño) / **Música:** Thomas Lefever / **Direção de Fotografia:** Silvio Caiozzi / **Montagem:** Carlos Piaggio / **Som:** José De la Vega

Produção: RAI - Radiotelevisione Italiana / **Produtor:** Alberto Luna / **Cópia:** ficheiro digital, proveniente de RAI Teche, a cores, com diálogos em espanhol e legendas em italiano / **Duração:** 126 minutos / **Estreia mundial:** data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

Nos anos 70, a emissora pública nacional italiana (RAI) desenvolveu e financiou o programa *L'America Latina Vista dai Suoi Registi*, no âmbito do qual se produziram seis longas-metragens. Neste projeto, Raúl Ruiz foi o escolhido para realizar um *retrato* do seu país: o Chile. NADIE DIJO NADA, a proposta apresentada pelo autor, conserva um certo realismo, que teria já caracterizado alguns dos seus trabalhos anteriores, *contaminado* com elementos do surrealismo – estilo que irá reelaborar e aprofundar nas suas obras seguintes (Michael Goddard in *The Cinema of Raúl Ruiz. Impossible Cartographies*). O resultado desta combinação será uma obra ao estilo *ruiziano*, uma crítica mordaz recheada de simbolismo. Não será fortuita a escolha de Ruiz, neste seu intento, de *apropriar* a obra de Max Beerbohm, famoso parodista inglês. Com efeito, o olhar de Ruiz sobre o Chile parece concretizar-se numa espécie de caricatura desenhada a partir da figura do intelectual-escritor.

Em NADIE DIJO NADA, Ruiz retorna ao universo (e à abordagem) de TRES TRISTES TIGRES, filme estreado quatro anos antes, em 1968 (Raúl Ruiz in *Chilean Cinema*, editado por Michael Chanan). Os “três personagens marginais” desse primeiro filme “reaparecem” agora transmutados em “três escritores boémios” igualmente marginais, porquanto desligados e alienados da realidade social que habitam. “Escritores que vivem na sua própria realidade e acreditam que essa é, de facto, o Chile” (*ibidem*). Essa alienação social e política manifestada por estes personagens acaba por, ironicamente, se revelar também na própria criação de Raúl Ruiz, porquanto *desvinculada* do cenário político chileno efervescente do início da década de 70 (Michael Goddard in *The Cinema of Raúl Ruiz. Impossible Cartographies*). Realizado no primeiro ano de governo da União Popular de Salvador Allende, o enredo de NADIE DIJO NADA desenrola-se no período imediatamente anterior, retratando “a sensação de isolamento e uma certa

megalomania que se desenvolveu no Chile” (Raúl Ruiz) durante o governo da Democracia Cristã de Eduardo Frei Montalva.

O afastamento dos personagens do proletariado (ou do subproletariado) de TRES TRISTES TIGRES configura uma espécie de rutura com os princípios do neorealismo; a megalomania que caracteriza estes intelectuais chilenos poderá apenas ser representada com recurso a um forte simbolismo, que encontra o seu auge na figura do diabo, que povoa toda esta obra, roubando qualquer protagonismo ao seu frágil inimigo. Estes jovens escritores vagueiam pelos vários bares de Santiago seguidos pelo poeta Braulio, e perseguidos por Tony Ventura (o diabo), procurando inspiração para um conto nas suas conversas, e refletindo sobre a história e a cultura do Chile. “A versão da RAI foi feita cortando todas as alusões a um contexto político e a personagens reais. A história não era o mais importante: o mais importante eram os discursos que se faziam em torno da história, que é um dos temas do cinema moderno” (Ruiz). Os constantes debates dos protagonistas (em estilo de *brainstorming*) em torno de questões ligadas à identidade chilena – temática que, segundo Michael Goddard, não seria uma questão política central neste período – sugerem um percurso que podemos imaginar ter sido percorrido pelo próprio realizador, então convidado a produzir uma obra que representasse a sua visão do país para um público estrangeiro. Ora, para tal, seria necessário, num primeiro momento, compreender essa identidade sempre complexa e antagónica, e perceber como representá-la.

Em NADIE DIJO NADA fica (uma vez mais) evidente a paixão de Ruiz pelas histórias e os seus cruzamentos, e o seu interesse em *combinar e misturar* várias camadas de ficção, linhas de vários romances que se cruzam de maneira tão profunda que acabam por se confundir. Uma vez mais, o recurso à obra de Beerbohm revela-se tudo menos casual. Em *Enoch Soames*, Beerbohm, com o mesmo ímpeto trocista e provocador de Ruiz, empenha-se numa complexa construção de um personagem tão verosímil que desafia qualquer distinção entre a realidade e a ficção. Beerbohm insere-se na história enquanto narrador, e a sua obra – aquela que o leitor terá nas suas mãos – é referida como parte de um enredo que se desenha entre o passado e o futuro, cruzando-se, assim, a realidade e a ficção, num labirinto *borgeano*.

Em NADIE DIJO NADA, esse poeta que vende a alma ao diabo será Braulio, que então servirá de inspiração para estes *três tristes tigres* que sobre ele escreverão um conto: esse conto que o tal poeta terá lido aquando da viagem prometida pelo diabo. A cativar o interesse de Ruiz neste livro não terá sido apenas a mestria de Beerbohm, mas também o poderoso simbolismo desta história, que o realizador impulsiona através da representação do antagonista de Tony Ventura: deus. O diabo, sob a figura desse charmoso cantor, persegue todos estes poetas, assediando-os para que vendam a sua alma, toldados pela soberba. No final, num estilo quase *buñueliano*, essa charmosa classe intelectual confrontar-se-á com a sua própria condenação.

Sara Oliveira Duarte